

MARIA SALOMÉ SQUILLACE – RA: 7000
MARIA GILDA OLIVEIRA SOUZA – RA 6804

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FACCAMP

2009

MARIA SALOMÉ SQUILLACE – RA: 7000

MARIA GILDA OLIVEIRA SOUZA – RA 6804

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada como exigência para aprovação no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de pedagogia da FACCAMP, sob orientação do Professor Nestor Bertini.

FACCAMP

2009

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nota do Professor orientador _____

Nota do Professor Avaliador _____

Nota final _____

Data:

_____/_____/2009

Amai a infância, favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de voz não se sente saudoso, às vezes, dessa idade em que o riso está sempre nos lábios e alma sempre em paz. Por que arrancar destes pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que lhes escapa, de um bem tão precioso de que não se podem abusar?

Rosseau

Se não fosse imperador, desejaria ser professor.

Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro

D.Pedro II

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido Paulo Juarez pela tolerância, compreensão e estímulo para seguir em frente e fazer-me acreditar que era capaz.

Aos meus filhos e filhas, Vanessa, Paulo Emmanuel, Cintia Thiago e Aline, meus netos Matheus e Miguel, minhas noras e genros Daiane, Micheli e Junior, pela ajuda, dedicação e compreensão durante esta trajetória, sempre me acompanhando e apoiando.

Para todos os meus colegas de turma pelo companheirismo.

A minha amiga Salomé por ter compartilhado este trabalho.

Amiga nós conseguimos.

Maria Gilda

Dedico este trabalho ao meu marido Paulo Rogério, por estar presente em todos os momentos de dificuldade que tive neste período, sempre me protegendo e me dando forças para eu seguir em frente.

Dedico também as minhas filhas, neta e genros que acreditaram na minha capacidade sempre me dando forças e incentivando para seguir em frente.

A Gilda amiga de tantos anos e que agora nos encontramos novamente para vencermos mais um desafio juntas.

Maria Salomé

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradecemos a Deus nosso criador, a Jesus nosso Salvador que nos deu força e coragem durante esta jornada para a realização deste trabalho.

Um agradecimento especial ao professor Nestor Bertini, pela sua ajuda, paciência, confiança, dedicação e tolerância, os nossos sinceros agradecimentos, muito obrigado que Deus o ilumine.

Muitas pessoas foram importantes para realização deste trabalho, mas especialmente os professores da faculdade que a todo o momento estiveram ao nosso lado nos incentivando cobrando nossa atenção para que neste momento decisivo tivéssemos condições de apresentar um bom trabalho, muito obrigado.

Agradeço minha filha Kátia que me ajudou muito a concluir esta tarefa tão importante na minha vida.

RESUMO

A importância do brincar na educação infantil

Alguns autores que defendem o brincar como forma de aprendizagem e desenvolvimento:

- Wallon, defende o brincar e o brinquedo na estruturação do “eu”, no desenvolvimento afetivo, motor, intelectual e social.

Vygotsky aponta o brincar como meio para criar situações simbólicas predominantes na primeira infância, que ajudam no desenvolvimento psicológico e a inserção social e cultural da criança.

- Piaget acredita que os jogos são essenciais na vida da criança. Quando a criança joga assimilam e transformam a realidade.

- Montessori prioriza as atividades do brincar construtivo com uso de materiais específicos e planejados.

- Brincar - É através do brincar que a criança é introduzida gradativamente no universo cultural e histórico, abrindo-lhe caminho para a realização do processo de construção do conhecimento, desenvolvimento de sua autonomia, confiança, criatividade e integração com o outro e com o grupo.

História da creche

- A primeira creche surgiu na Europa por volta de 1770, quando um pastor de ovelhas resolveu cuidar das crianças da aldeia enquanto as mães trabalhavam.

- Estruturação das creches se deu por volta de 1854, em Portugal e Nova Iorque, como assistencialista, cuidar e higienizar, combater a fome das crianças desfavorecidas.

- A primeira creche no Brasil foi criada pelo Padre. Anchieta, catequizando as crianças índias, e as igrejas recolhiam crianças abandonadas nas rodas dos expostos das Santas Casas de Misericórdia.
- A creche no Brasil consolidou-se com a revolução industrial, com a mudança na estruturação das famílias, as mães precisavam trabalhar nas indústrias e fazer serviços domésticos, então os empresários montaram as creches para abrigar os filhos das mães operárias.
- Em 1961 é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Infantil.
- Na constituição de 1988, confirma a creche como instituição educativa, um direito da criança, uma opção da família e um dever do Estado.
- Com a LDB, Lei 9394/96, a creche deixa de ser assistencialista e se torna educacional.

Realização do trabalho:

- Contato com diretores, para pedir autorização para realização dos estágios
- apresentação de nossos objetivos e dos questionários
- observação e participação
- interação na rotina dos professores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
DESENVOLVIMENTO	
CAPÍTULO I – Autores que defendem o brincar.....	13
CAPÍTULO II – Brincar.....	20
CAPÍTULO III – História da creche.....	27
CAPÍTULO IV – Processos investigativos.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

INTRODUÇÃO

Realizamos nossa pesquisa, a importância do brincar na educação infantil, em escola particular e creches do município de Campo Limpo Paulista, com alunos da faixa etária entre dois e cinco anos, a fim de verificarmos as contribuições da prática do brincar

no desenvolvimento da criança, saber como os professores das escolas de educação infantil abordam o assunto brincar em seu currículo, como as crianças estão se comportando em relação ao brincar, quais conteúdos podem ser trabalhados dentro da brincadeira, como se dá a participação do professor nas brincadeiras propostas, pois crianças que participam de diversas brincadeiras locomotoras terão chance de obter um desenvolvimento cognitivo e motor formando assim um rico vocabulário para seu dia-a-dia, tanto na escola como fora dela.

Escolhemos o tema “a importância do brincar na educação infantil”, porque percebemos o quanto é importante e necessário as atividades lúdicas e motoras direcionadas ou livres e jogos, onde as crianças terão oportunidade de desenvolverem a autonomia e criatividade. E também porque temos a visão, principalmente na educação infantil, de como o brincar é necessário no desenvolvimento da criança. Após estudos realizados sobre o assunto, e para vivenciarmos durante o estágio à realidade com os alunos, conhecendo a prática realizada em sala de aula e comparando com as teorias, pois atualmente, é cada vez mais freqüente a inserção das crianças no contexto da educação Infantil, motivada principalmente pela preocupação com o desenvolvimento cognitivo, sobretudo relacionando com o preparo que ela deve ter em relação ao mundo globalizado.

Nosso objetivo principal é reconhecer a realidade das instituições escolares em relação ao brincar e analisar os conhecimentos das crianças em relação às brincadeiras de faz-de-conta, pega-pega, amarelinha, jogos diversos, verificando se as mesmas são capazes de reconhecer os espaços, deslocar-se livremente, andar, correr, pular e reconhecerem seu próprio corpo.

- Pesquisas bibliográficas e leituras de artigos, leitura do RCN e pesquisa de campo.
 - A observação em sala de aula, será ora participativa, ora artificial para obtenção e coleta de dados referentes aos alunos e também aos professores.

 - Para o desenvolvimento deste trabalho formulamos um questionário aberto que foram entregue aos professores de educação infantil.
- 1- O que você pensa sobre o brincar na educação infantil?
 - 2 - Você utiliza algumas brincadeiras em seus projetos pedagógicos?

3 - Você acha importante a brincadeira para o desenvolvimento pessoal e social das crianças?

4 - O que sua escola pensa a respeito do brincar?

5 - Como é desenvolvida a brincadeira em sua rotina?

6 - No momento da brincadeira existe algum objetivo?

7 - Você participa das brincadeiras com seus alunos? Observa-os ou simplesmente os deixa a vontade?

8 - Qual a importância do brincar “se é que existe”, para o processo ensino-aprendizagem?

9 - Você acredita que os estímulos motores, através do brincar são importantes para o desenvolvimento motor da criança, assim como para o desenvolvimento afetivo e cognitivo? Justifique o lado positivo e negativo destes estímulos se originarem através do brincar

Realizamos também a observação dos alunos seguindo os seguintes critérios:

- Se as crianças aceitam regras e divide os brinquedos;
- Se o professor interage com os alunos na hora de brincar;
- Se a criança é espontânea ou necessita de intervenção para brincar;
- Se há interação entre os alunos;
- Se a criança tem dificuldades motoras.
- Se a criança reconhece as partes do corpo
- .- Se a criança reconhece o espaço.

Desenvolvemos várias atividades com brincadeiras, jogos de percurso, amarelinha, corrida, dominó, blocos lógicos, faz-de-conta, fantoches, teatro; cantigas de roda e pega-pega.

Fizemos leitura do RCN artigos de revistas e uma bibliografia específica ao trabalho.

Montessori prioriza as atividades do brincar construtivo com uso de materiais específicos e planejados. O brincar espontâneo passou a ser visto como um componente essencial do desenvolvimento social e intelectual, criativo e pessoal. Esse ponto de vista é chamado etos do brincar (Smith, 1988). Susan (1929) resumiu essa perspectiva quando escreveu que o brincar na verdade é o trabalho da criança e meio pelo qual cresce desenvolve.

Vygotsky aponta o brincar como meio para criar situações simbólicas predominantes na primeira infância e que configuram o desenvolvimento dos processos psicológicos e a inserção social e cultural da criança.

Wallon defende que o brincar e o brinquedo participam juntos, na estruturação do “eu” e na aprendizagem da própria vida, no desenvolvimento afetivo, motor, intelectual e social. O brinquedo, nessa perspectiva, é visto como um meio que possibilita a criança conhecer o mundo e construir sua personalidade.

O brincar no sentido de fazer alguma coisa com objetos ou com outras crianças e de criar fantasias é vital para a aprendizagem das crianças na escola.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos, sendo que no primeiro apresentaremos autores que defendem o brincar na educação infantil, no segundo o brincar, no terceiro a história da creche desde o início, no quarto os processos investigativos.

CAPÍTULO I

AUTORES QUE DEFENDEM O BRINCAR

Para Froebel, a criança é como uma planta em sua fase de formação, que exige cuidados periódicos para que cresça de modo saudável. "Ele procurava na infância o elo que igualaria todos os homens, sua essência boa e divina ainda não corrompida pelo convívio social".

As técnicas utilizadas até hoje em educação infantil devem muito a Froebel. Para ele as brincadeiras são o primeiro recurso no caminho rumo à aprendizagem. Não é apenas diversão, mas um modo de criar representações do mundo concreto com a finalidade de entendê-lo. Com base na observação das atividades dos pequenos com jogos e brinquedos, Froebel foi um dos primeiros pedagogos a falar em auto-educação, um conceito que só difundiria no início do século 20, graças ao movimento da Escola Nova, de Maria de Montessori (1870-1952) e Célestin Freinet (1896-1966), entre outros.

Depois de analisar crianças de diferentes idades, Froebel previu uma educação que ao mesmo tempo permita o treino de habilidades que elas já possuem e o surgimento de novas. Dessa forma seria possível aos alunos exteriorizar seu interior e interiorizar as novidades vindas de fora- um dos princípios do aprendizado, segundo o pensador.

Ao mesmo tempo em que pensou a prática escolar, ele se dedicou a criar um sistema filosófico para dar sustentação. Para Froebel, a natureza era a manifestação de Deus no mundo terreno e expressava a unidade de todas as coisas. Da unidade absoluta em Deus decorria uma lei da unidade dos contrários. Isso tudo levava ao princípio de que a educação deveria trabalhar os conceitos de unidade e harmonia, pelos quais as crianças alcançariam a própria identidade e sua ligação com o eterno. A importância de autoconhecimento não se limitava a esfera individual, mas seria ainda um meio de tornar melhor a vida em sociedade.

Além do misticismo e da unidade, a natureza continham de acordo com Froebel, um sistema de símbolos conferido por Deus. Era necessário desvendar tais símbolos para conhecer o que é o espírito divino e como ele se manifesta no mundo. A criança, segundo o educador, trazia também em si uma semente divina de tudo o que há de melhor no ser humano. Cabia à educação, a partir dos primeiros anos de vida, desenvolver esse germe e não deixar que se perdesse.

Froebel considerava a educação infantil indispensável para a formação da criança- e essa idéia foi aceita por grande parte dos teóricos da educação que vieram depois dele. O objetivo das atividades nos jardins-de-infância era possibilitar brincadeiras criativas. As atividades e o material escolar eram determinados de antemão, para oferecer o máximo de oportunidades de tirar proveito educativo da atividade lúdica. Froebel desenhou círculos, esferas, cubos e outros objetos que tinham por objetivo estimular o aprendizado. Eles eram feitos de material macio e manipulável, geralmente com partes desmontáveis. As brincadeiras eram acompanhadas de músicas, versos e dança. Os objetos criados por Froebel eram chamados de “dons” ou “presentes” e havia regras para usá-los, que precisavam ser dominadas para garantir o aproveitamento pedagógico. As brincadeiras previstas por Froebel eram, quase sempre, ao ar livre para que a turma interagisse com o ambiente. “Todos os jogos que envolviam os “dons” começavam com as pessoas formando círculos, movendo-se e cantando, pois assim conseguiam atingir a perfeita unidade”, diz Alessandra Arce. Para Froebel, era importante acostumar às crianças aos trabalhos manuais. As atividades dos sentidos e do corpo despertariam o germe do trabalho, que, segundo o educador alemão, seria a imitação da criação do universo por Deus.

Segundo Erikson (1963), por meio de o nosso brincar durante a infância nós nos tornamos parceiros do nosso futuro.

De acordo com Vygotsky, a construção do pensamento e da subjetividade é um processo cultural, e não uma formação natural e universal da espécie humana. Ela se dá graças ao uso de signos e ao emprego de instrumentos elaborados através da história humana em um contexto social determinado, Enquanto os animais agem e reagem à natureza de uma forma sensorial instintiva, o homem extrapola suas capacidades sensoriais pelo uso de instrumentos construídos por meio do trabalho coletivo no qual interage com outros homens. Esses instrumentos não se reduzem à dimensão material, mas inclui a utilização de signos, um nó em um lenço para ativar uma lembrança, um brinquedo para possibilitar a emergência da capacidade de representar algo em uma situação, uma palavra para remeter uma experiência, uma questão para ativar um raciocínio argumentativo, que estimulam diferentes funções mentais. Os signos não são criados ou descobertos pelo sujeito, mas o sujeito deles se apropria desde o nascimento, na sua relação com parceiros mais experientes que emprestam

significações a suas ações em tarefas realizadas em conjunto. As interações adulto/criança em tarefas culturalmente estruturadas, com seus complexos significados, criam “sistemas partilhados de consciência” culturalmente elaborados e em contínua transformação.

De início, a realização de uma tarefa conjunta é uma totalidade na qual os atos dos parceiros estão intimamente entrelaçados. Com a experiência, conforme a criança imita o parceiro apropriando-se das instruções, questionamentos e recortes que este lhe oferece, ela pode fazer indicações a si mesmas e apresentar um desempenho independente. É por isso que Vygotsky afirma que toda função psicológica superior manifesta-se, primeiro, em uma situação interpessoal e depois em situação intrapessoal. A mãe pode chamar a atenção da criança para um determinado objeto, perguntando-lhe: “O que é isto?”; ao mesmo tempo em que a ajuda a dar uma resposta. A ocorrência dessa situação repetida várias vezes faz com que a criança se aproprie da fala “o que é isto?” e a dirija a um parceiro para obter uma resposta. Depois, a própria criança se propõe essa questão internamente e responde a ela. Com isso, formas de memorizar, de perceber, de solucionar problemas, etc., que foram gestadas inicialmente dentro da coletividade, convertem-se em funções psicológicas do indivíduo.

Para analisar esse processo, Vygotsky criou o conceito de zona de desenvolvimento proximal. Segundo ele, a criança transforma as informações que recebe de acordo com as estratégias e conhecimentos por ela já adquiridos em situações vividas com outros parceiros mais experientes.

Wallon, Tal como Vygotsky, considerava o desenvolvimento humano como resultante de uma dupla história, que envolve as condições do sujeito e as sucessivas situações nas quais ele se envolve e às quais responde. Também para ele a atividade da criança só é possível graças aos recursos oferecidos tanto pelo instrumental material quanto pela linguagem utilizada ao seu redor, sendo a mediação feita por outras pessoas particularmente fundamental na construção do pensamento e da consciência de si.

Segundo Wallon, toda pessoa constitui um sistema específico e ótimo de trocas com o meio. Tal sistema integra suas ações num processo de equilíbrio funcional, que envolve motricidade, afeto e cognição, mas no qual, em cada estágio de desenvolvimento, uma forma particular de ação predomina sobre as outras.

As estruturas da consciência e da personalidade surgem, assim, dos desdobramentos e das oposições provocadas pelas reações emocionais sentidas pelo bebê como: choro, sorriso e gestos, as quais são + recursos iniciais de que ele dispõe para agir. Inicialmente, a emoção une o bebê e aquele que dele cuida por condições orgânicas, visto que o bebê não consegue simbolizar o que sente. A emoção suscita reações similares ou recíprocas entre o bebê e seus parceiros à medida que negociam, por meio de suas ações, as interpretações que emprestam à situação vivida.

Por intermédio de seus reflexos e movimentos impulsivos, a criança exterioriza estados de satisfação ou insatisfação que são transformados em recursos expressivos, ou seja, em motivos sociais, pelas pessoas que dela cuidam.

Isso se dá porque ao exigir da criança determinadas atitudes, as emoções provocam certas disposições específicas em sua sensibilidade e o surgimento de reações sensoriais e motoras que lhe possibilitam explorar o ambiente que rodeia. Ao mesmo tempo a criança torna-se hábil em usar a linguagem emocional para influir sobre o seu parceiro e para reagir a uma situação. Posteriormente, o maior domínio da linguagem torna-se o pensamento num novo recurso de sua ação transformando sua forma de relacionar-se com os outros.

Wallon propõe a psicogênese da pessoa completa, ou seja, o estudo integrado do desenvolvimento. E para isso deve considerar o sujeito como “geneticamente social” e estudar a criança contextualizada, nas relações com o meio.

Piaget (1998) acredita que os jogos são essenciais na vida da criança. De início tem-se o jogo de exercício que é aquele em que a criança repete uma determinada situação por puro prazer, por ter apreciado seus efeitos.

Na fase pré-operatória nota-se a ocorrência dos jogos simbólicos que satisfazem a necessidade da criança de não somente relembrar mentalmente o acontecido, mas também de executar a representação.

Em período posterior surgem os jogos de regras, que são transmitidos socialmente de criança para criança e por conseqüência vão aumentando de importância de acordo com o progresso de seu desenvolvimento social. Para Piaget, o jogo constitui-se em expressão e condição para o desenvolvimento infantil, já que as crianças quando jogam assimilam e podem transformar a realidade.

Entrevista feita por Piaget com criança sobre o jogo “Bola de gude”.

Jean Piaget diz: “aqui estão algumas bolas de gude... você deve me mostrar como jogar. Quando eu era pequeno eu costumava jogar bastante, mas agora eu me esqueci como se joga. Eu gostaria de jogar novamente. Vamos jogar juntos? Você me ensinará as regras e eu jogarei com você”. Você deve evitar fazer qualquer tipo de sugestão. Tudo o que precisa é parecer completamente ignorante (sobre o jogo de bola de gude) e até mesmo cometer alguns erros propositais de modo que a criança, a cada erro, possa dizer claramente qual é a regra. Naturalmente, você deve levar a coisa a sério, e se as coisas não ficarem muito claras você começará uma nova partida. (Piaget, 1965, p.24).

Com os jogos de regras podemos analisar por traz das respostas, informações sobre seus conhecimentos e conceitos. Esses níveis de conhecimento podem ser classificados como: Motor, Egocêntrico, cooperação e codificação de regras, e são paralelos ao desenvolvimento cognitivo da criança.

Segundo Piaget (1976): “... Os jogos não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energias das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual”.

O jogo é, portanto, sob as duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem a todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais e que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil (Piaget 1976, p.160).

Já Vygotsky (1998), diferentemente de Piaget, considera que o desenvolvimento ocorre ao longo da vida e que as funções psicológicas superiores são construídas ao longo dela. Ele não estabelece fases para explicar o desenvolvimento como Piaget e para ele o sujeito não é ativo nem passivo: é interativo.

Segundo o autor, a criança usa as interações sociais como formas privilegiadas de acesso a informações: aprendem as regras do jogo, por exemplo, através dos outros e não como resultado de um engajamento individual na solução de problemas. Desta maneira, aprende a regular seu comportamento pelas reações que elas pareçam, agradáveis ou não.

Enquanto Vygotsky fala do faz-de-conta, Piaget fala do jogo simbólico, e pode-se dizer segundo Oliveira (1997), que são correspondentes.

“O brinquedo cria uma zona de Desenvolvimento Proximal na criança”. (Oliveira, 1977:67), lembrando que ele afirma que a aquisição do conhecimento se dá através das zonas de desenvolvimento: o real e a proximal. A zona de desenvolvimento real é a do conhecimento já adquirido, é o que a pessoa traz consigo, já a proximal, só é atingida, de início, com o auxílio de outras pessoas mais “capazes”, que já tenham adquirido esse conhecimento.

“As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidades (Vygotsky, 1998”.

Piaget (1998) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança sendo por isso, indispensável à prática educativa (Aguar, 1977,58).

Vygotsky (1989:109), ainda afirma que: é enorme a influencia do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de agir numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externos.

A noção de “Zona Proximal de desenvolvimento” interliga-se, portanto, de maneira muito forte, à sensibilidade do professor em relação às necessidades e capacidades da criança e à sua aptidão para utilizar as contingências do meio a fim de dar-lhe a possibilidade de passar do que se sabe fazer para o que não sabe. (Pourtois, 199:109)

As brincadeiras que são oferecidas à criança devem estar de acordo com zona de desenvolvimento em que ela se encontra, desta forma, pode-se perceber a importância do professor conhecer a teoria de Vygotsky.

No processo da educação infantil o papel do professor é de suma importância, pois é ele quem cria espaços, disponibiliza materiais, participa das brincadeiras, ou seja, faz a mediação da construção do conhecimento.

A desvalorização do movimento natural e espontâneo da criança em favor do conhecimento estruturado e formalizado ignora as dimensões educativas da brincadeira e do jogo como forma rica e poderosa de estimular a atividade construtiva da criança. É

necessário, que o professor procure ampliar cada vez mais as vivências das crianças com o ambiente físico, com brinquedos, brincadeiras e com outras crianças.

O jogo compreendido sob ótica do brinquedo e da criatividade deverá encontrar maior espaço para ser entendido como educação, na medida em que o professores compreenderem melhor toda sua capacidade potencial de contribuir para com o desenvolvimento da criança.

Acredito que as crianças pequenas precisam brincar. Nessa tenra idade, brincar significa aprender. Não deveríamos tentar fazer do brincar algo “educacional”, mas sim oferecer às crianças uma ampla gama de materiais para brincar (aparelhos, materiais artísticos, marionetes blocos, etc.) e criar um espaço seguro para que elas possam explorar sua imaginação sem preocupação. (Thomas Armstrong, 2008. p.18)

CAPÍTULO II

BRINCAR

De acordo com o RCN, brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança brincar desde cedo, se comunicar através de gestos, sons e participar de brincadeiras representando algum papel, ajuda-a a desenvolver sua imaginação e também outras capacidades importantes, como a atenção, imitação, memória, amadurecendo também as capacidades de socialização por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

A diferenciação dos papéis se faz presente nas brincadeiras de faz-de-conta, quando as crianças brincam como se fossem o pai, mãe, o filhinho, o médico, o paciente, heróis e vilões, imitando e recriando personagens observados ou imaginados em suas vigências. A fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre a relação entre as pessoas, e sobre o eu e sobre o outro.

No faz-de-conta, as crianças aprendem a agir em função de uma personagem, objeto e de situações que não estão presentes, mas que trazem emoções, sentimentos e significados vivenciados em outras circunstâncias. Brincar funciona como um cenário onde as crianças são capazes de imitar e se transformar em personagens de seus sonhos e ou de vivências do seu cotidiano.

Brincar é, portanto um espaço onde se pode observar a coordenação das experiências prévias das crianças e o que os objetos manipulados sugerem ou provocam no momento presente, e pela repetição do que já conhecem, utilizando a ativação da memória, atualizam seus conhecimentos prévios, ampliando-os e transformando-os por meio de situações imaginárias novas. Brincar é uma atividade interna da criança, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. Também se tornam autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em prática suas fantasias e conhecimentos, sem intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões e situações da realidade imediata.

Nas brincadeiras de faz-de-conta as crianças enriquecem sua identidade, porque experimentam outras formas de ser e pensar, ampliando suas concepções sobre as coisas e pessoas ao desempenhar vários papéis sociais ou personagens. Vivenciam

também concretamente a elaboração e negociação de regras de convivência, elaborando um sistema de representação dos diversos sentimentos, das emoções e das construções humanas. Isso ocorre porque a motivação da brincadeira é sempre individual e depende de recursos emocionais de cada criança que são compartilhados em situações de interação social. Por meio de repetição e ações imaginadas baseadas nas polaridades presença/ausência/desprazer, passividade/atividade, dentro/fora, grande/pequeno, feio/bonito, as crianças também podem internalizar e elaborar suas emoções e sentimentos, desenvolvendo um sentido próprio de moral e de justiça.

Alguns jogos e brincadeiras de parque ou quintal, envolvendo os reconhecimentos do próprio corpo, o do outro a imitação, podem se transformar em atividades da rotina, porque propõem a percepção e identificação de partes do corpo e a imitação de movimentos e que podem ser planejadas articulações com outros eixos de trabalho, como, por exemplo, pedir que as crianças modelem parte do corpo em massa ou argila, podendo ser aprofundadas fazendo pesquisas em obras de arte em que partes do corpo foram retratadas ou esculpidas.

A música na educação infantil mantém forte ligação com o brincar. Em todas as culturas as crianças brincam com música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas onde a força da cultura é muito intensa, pois são fonte de vivências e desenvolvimento expressivo musical, que envolve o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, esses jogos e brincadeiras são expressões da infância. Brincar de roda, pular corda, amarelinha etc. são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo.

Os jogos e brinquedos musicais da cultura infantil são as cantigas de ninar, parlendas, as rodas, as adivinhas, os contos os romances.

Os momentos de jogos e de brincadeira devem se constituir em atividades as crianças poderá estar em contato também com temas relacionados ao mundo social e natural. O professor poderá ensinar às crianças jogos e brincadeiras de outras épocas, propondo pesquisas junto aos familiares e outras pessoas da comunidade e/ou livros e revistas. Para a criança é interessante conhecer as regras das brincadeiras de

outros tempos, observa o que mudou em relação às regras atuais, saber do que eram feitos os brinquedos etc. RCN. VOL. 3. PG.200

Segundo RCN, as noções matemáticas abordadas na educação infantil correspondem uma variedade de brincadeiras e jogos, principalmente aqueles classificados como de construção e de regras.

Existem vários tipos de brincadeiras e jogos que as crianças pequenas se interessam e constituem um rico contexto em que idéias matemáticas podem ser evidenciadas pelo adulto por meio de perguntas, observações e formulações de propostas, como nas cantigas dança das cadeiras, quebra-cabeças, labirintos, dominós, dados de diferentes tipos, jogos de encaixe, jogos de cartas. Etc.

Os jogos numéricos ajudam a criança a utilizarem números e suas representações, ampliarem a contagem, estabelecerem correspondência, operarem. Os jogos com pistas ou tabuleiros numerados fazem com que as crianças aprendam contar de um em um, de dois em dois. Jogos de cartas permitem a distribuição comparação de quantidades, a reunião de coleções e a familiaridade com resultados aditivos. Os jogos espaciais permitem às crianças observarem as figuras e suas formas, identificando propriedades geométricas dos objetos, fazer representações, modelando, compondo, decompondo ou desenhando.

Pelo seu caráter coletivo, os jogos e as brincadeiras permitem que o grupo se estruture que as crianças estabeleçam relações ricas de toca, aprendam a esperar sua vez, acostume-se a lidar com regras, conscientizando-se que podem ganhar ou perder.

Artigo de a revista criar de Hilda Lúcia Cerminaro Sarti trata a brincadeira como atividade importante no desenvolvimento da criança e como atividade preponderante no processo de inclusão no contexto da Educação Infantil. Aborda ainda o papel central do professor na organização do espaço, na observação sensível, de modo a avaliar o que pensa a criança quando brinca.

Nos tempos atuais, é cada vez mais freqüente a inserção da criança pequena no contexto da Educação Infantil, motivada principalmente pela preocupação com o seu desenvolvimento, sobretudo relacionado com o preparo que ela deve ter em relação ao mundo globalizado.

É assim que, ao procurar uma instituição de Educação Infantil, o adulto preocupa-se com aquelas atividades ditas escolarizantes, entendendo que, assim, a criança estará sendo bem preparada para enfrentar os desafios impostos pela sociedade.

Será que a criança só constrói conhecimento através de atividades mais estruturadas? Será necessário organizar o contexto de Educação Infantil apenas com atividades e materiais para o desenvolvimento de atividades preparatórias? Que o trabalho realizado com a criança pode ser estruturado a partir das brincadeiras sejam elas livres ou dirigidas?

Ao brincar, a criança é incluída no contexto onde se encontra? Propicia-se o seu acesso no contexto da Educação Infantil por meio da brincadeira? É possível pensarmos e uma educação principalmente a partir de experiências que nos motivam que nos interessam e que nos divertem? Está presente a percepção de que o espaço da brincadeira não é aquele oferecido como “recompensa”, “premio”, após trabalho? Que tipo de ação desvaloriza o papel da brincadeira e torna explícito à criança, a sua família e aos outros, nossa concepção de educação?

Tais reflexões remetem-nos à discussão das concepções exercitadas sobre a brincadeira, sua relação com a criança, a necessidade de criar uma atmosfera acolhedora e que considera na perspectiva de suas necessidades e interesses

A inserção da criança no contexto da Educação Infantil e sua permanência, nem sempre é tão aceita por ela, gerando-lhe, muitas vezes, angústia, ansiedade, insegurança, sentimentos também observados no adulto. Se essa é uma realidade, é preciso pensar de que modo organizar o contexto da Educação Infantil, de modo a propiciar à criança um ambiente “familiar” de comunicação infantil, entre as crianças e estas com o adulto.

É nesse contexto que, entendendo a brincadeira como uma das linguagens utilizadas pela criança desde a mais tenra idade defendeu a organização do contexto da Educação Infantil nessa perspectiva, entendendo que a atividade lúdica pode auxiliar sua inclusão nesse contexto, de modo a fornecer-lhe um ambiente propício no que tange a sua linguagem de comunicação, bem como facilitar o processo de permanência em um ambiente onde se sente acolhida e respeitada.

Qual o significado atribuído a brincadeira? Brincadeira significa fantasia, fazer-de-conta, diversão, é a oposição a seriedade e à realidade. Observa-se, no entanto, que

tal significado sofreu várias alterações no curso da história. Houve momentos em que a brincadeira era considerada atividade não será, em outros, trabalho. Encontramos também, no curso de história, a brincadeira como atividade fundante na constituição do sujeito.

Essa última perspectiva já era defendida pelo filósofo tcheco Jan Amos Komensky (Comenius): 1592-1670, em pleno século XVII, o qual coloca a brincadeira como possibilidade de constituição do sujeito e que, ao brincar ele aprende. Segundo o filósofo, ao organizar as atividades, os interesses da criança precisavam ser considerados, assim como os limites do seu corpo e suas necessidades. Defendia que o aprender e o ensinar eram prerrogativas de todos, respeitando-se os limites de cada um e que a melhor forma era aprender brincando.

Também Froebel (1782 - 1852) dá uma acentuada importância à criança e seus interesses e atividades e valoriza sua liberdade de expressão que pode acontecer por meio de brincadeiras livres e espontâneas, que segundo ele, devem ser realizadas em cooperação com outros trabalhos de que todos participem. Entende que é por meio do brinquedo que a criança adquire a primeira representação do mundo. Não só esses educadores nos mostram a importância da atividade lúdica, mas os conhecimentos gerados pelas ciências como a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia ampliam nossa visão sobre a importância do brincar, e mostram-nos que através do brincar a criança socializa, integra-se em diferentes grupos sociais, explora, compreende o ambiente no qual está inserida e desenvolve diferentes formas de linguagem.

Coerentemente com tal idéia, podemos afirmar que todos nós, desde o nascimento, jê pertencemos a um grupo e para a preservação da vida, é necessária a relação entre as pessoas.

Também Wallon defende que o brincar e o brinquedo participam juntos, na construção do EU e na aprendizagem da própria vida, no desenvolvimento afetivo, motor, intelectual e social. O brinquedo, nessa perspectiva, é vista como um meio que possibilita à criança conhecer e analisar o mundo e constituir sua personalidade. A organização do espaço e a disponibilização do material são elementos fundamentais para que a fluidez das emoções e do pensamento aconteça e necessários para o desenvolvimento da pessoa completa.

Vygotsky (1988) aponta o brincar como meio para criar situações simbólicas predominantes na primeira infância e que configuram o desenvolvimento dos processos psicológicos e a inserção social e cultural da criança. O brincar assume uma função fundamental no desenvolvimento do comportamento infantil pela criação de situação imaginária, considerando que o que passa despercebida na vida da criança torna-se regra de comportamento na brincadeira.

Piaget (1860 – 1980) baseia-se na idéia da criança pesquisadora/exploradora que constrói o seu conhecimento pela experiência. Dá ênfase ao processo de interação individuo – ambiente, procurando compreender os mecanismos mentais que o individuo utiliza para captar o mundo. O desenvolvimento cognitivo individual se dá por constantes desequilíbrios e equilibrações causadas por mudanças internas do individuo ou do ambiente. O equilíbrio ocorre por assimilação, ou seja, o individuo usa as estruturas que já tem para entender as demandas, ou por acomodação, isto é, modificam-se as estruturas internas com a nova situação. Entende a criança “sujeito”, atribui importância aos processos internos sem os quais o ambiente torna-se ineficaz. Rejeita a concepção meramente “acumuladora” da aprendizagem: esta é produzida não através de seqüencial ordenadas em cada capacidade, mas de conexões (esquemas mentais) que estão na sua base.

É na ação de brincar que a criança é introduzida gradativamente, no universo sociocultural histórico, abrindo-lhe o caminho para a realização do processo de construção do conhecimento, desenvolvendo sua autonomia, confiança e criatividade e integração com o outro, com seu grupo.

Pelo brincar é possível exercitar a socialização, isto é, a criança aprende a relacionar-se, a lidar com as frustrações dos desejos não realizados, a esperar a vez de jogar, a dirigir e acompanhar as brincadeiras, a lidar de maneira flexível e dinâmica em suas relações com os companheiros. Ao brincar, a criança aprende a conhecer outras relações que não só a de seu convívio familiar e é levada a ceder, respeitar, a desenvolver sua imaginação, criatividade e sensibilidade em grupo.

Descobertas mais recentes, no campo da neurologia, nos mostram que o brincar é fundamental para o desenvolvimento humano, e também que quanto mais a criança brinca, corre, pula, canta, mais sinapses se formam em seu cérebro. Mudanças físicas no cérebro são provocadas: ele, literalmente, cresce. Tal descoberta

nos leva a refletir que a modificação do cérebro se realiza a partir da interação da criança com o ambiente, com outras pessoas, em suas atividades lúdicas e não apenas em consequência da carga genética que são transferidas de pais para filho. Os conhecimentos trazidos pela neurologia podem ser aplicados também às importantes funções do cérebro como a memória, a imaginação e a capacidade de estabelecimento de relações.

Assim a partir dos pressupostos teóricos discutidos, podemos afirmar que os esquemas mentais construídos pela criança são desvelados a partir de suas experiências vividas, das relações e interações com o mundo.

É sob essa perspectiva que nos interessa reconhecer cada criança, cada sujeito na sua especificidade, com seu ritmo, com suas experiências e vivências, com seus esquemas mentais construídos e que, por isso mesmo, deve ser respeitada em suas características, seu desenvolvimento, seus interesses e suas necessidades.

CAPÍTULO III

HISTÓRIA DA CRECHE

Refletir sobre a questão referente às creches nos remete a pensar no estigma construindo retoricamente em seu conceito como um local destinado à guarda e cuidado das crianças

Segundo SANTANA (1998 p.43)

“A creche mais antiga que se tem informação, surgiu na Europa – França, Aldeia de Ban De La Roche, por volta de 1770, quando um pastor de ovelhas residente no campo resolveu cuidar das crianças da aldeia enquanto as mulheres estavam no trabalho”. Essa idéia foi logo aprovada e disseminada por vários países.

Rosemberg (apud. SANTANA, 1998), aponta que a “estruturação das primeiras creches deu-se por volta de 1854 em Portugal e em nova Iorque com os nomes de Creche de São Vicente de Paulo e ‘Day Nursey’”.

Nota-se que no perpassar da história da creche foram vários períodos de sua apresentação como uma instituição de atendimento à criança, entretanto oscilando como um lugar médico – assistencialista, a qual as mães solteiras deixavam seus filhos para serem cuidados pelas pajens, destacando assim o caráter filantrópico entre o cuidar e o higienizar.

Entende-se que um dos motivos do surgimento das creches foi o combater a fome das crianças desfavorecidas. Outros fatores contribuíram com essa questão, como a facilitação e ampliação de mão de obra feminina pelas indústrias.

Em contrapartida as creches foram necessárias, à medida que acontece a expansão das indústrias com a Revolução Industrial, surge à necessidade de abrigar os filhos das mães operarias; é neste contexto que aparece o momento mais efervescente das creches. Mediante a “explosão industrial”, coligado ao “êxodo rural”, acontece uma grande mudança na estruturação das famílias onde os papéis da mulher são agregados as tarefas domesticas, e mãe de família, que passa a desenvolver uma jornada dupla de

trabalho, em casa, e nas indústrias. Os empresários então passam a montar as creches para abrigar os filhos dessas mães operárias.

HADDAD (1991, p.24) ressalta também que;

As creches surgiram durante o século XIX, nos países norte americano e europeu e no início do século XX, no Brasil, acompanhando a estruturação do capitalismo, a crescente urbanização e a necessidade de produção da força de trabalho composta por seres capazes, nutridos, higiênicos e sem doenças.

SANTANA (1998), expressa que nesta trajetória da história das creches, existiam outros interesses por parte do governo frente à abertura de novas unidades. É relato da história que nos tempos de guerra, tendo sido os homens da casa convocados para o combate, as mulheres foram obrigadas a trabalhar para garantir o sustento “prole”, ou seja, dos filhos e para resolver tal situação o governo abriu novas creches.

O autor ainda destaca que, no entanto, esta atitude governamental representava um jogo, pois quando a guerra findava as creches eram fechadas e as mulheres eram obrigadas a voltar apenas a cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos, estimuladas a “procriarem” para “repor” os soldados mortos nas guerras.

Nesta perspectiva, percebe-se que com o amplo interesse do governo, a creche não conseguia definir sua identidade, pois o governo tinha uma visão que a mesma era necessária só em prol de seus interesses, sendo esta teia de manipulação e controle em sua consolidação também era direcionada a acautelar a desordem familiar. Sua existência se justificava também para atender as necessidades das mulheres viúvas ou abandonadas, tendo elas que trabalhar a alternativa era deixar os filhos aos cuidados da creche.

Diante do quadro exposto, a esse jogo de interesses,

Rosemberg (apud. SANTANA, 1998), destaca que essa forma de manipulação ocasionou certa dificuldade em definir a identidade da creche, de maneira como sempre foi tratado ao longo da história.

Haddad (1991) afirma que: é dessa fase inicial (pré-industrial) que provem à vinculação da creche a pobreza, ao abandono e as entidades filantrópicas. Tal vínculo orienta-se por uma incumbência social de ordenamento e moralização da vida das famílias atendidas, mantendo com elas uma relação de favor, que sugere a falta de competência dos pais em assumir suas responsabilidades junto aos filhos.

Santana (1998, p.45) ressalta que;

Neste período as creches passam a ser vista por alguns empresários como algo vantajoso: sendo que mais despreocupadas e satisfeitas as mães produziam melhor dentro do pressuposto que “atendendo bem ao filho do operário, este trabalharia mais satisfeito e produziria mais”, nesse pressuposto a finalidade da creche era única e exclusivamente de cuidados para com essas crianças, apresentando apenas cunho assistência - custodial.

Compreende-se que entre os aspectos das creches, um deles é que a mesma sempre aparece com funções do combate à pobreza e da mortalidade infantil. As pessoas que trabalham nessas instituições além de cuidar das crianças, também tinham o encargo de aconselhar as mães nos cuidados apropriados à criança, e conscientizá-la de que seu papel de mãe não estava sendo ocupado pela creche.

Santana (1998, P.45) afirma que;

No Brasil, a primeira assistência as crianças foi desenvolvida pelo PE. Anchieta, através de seu trabalho de catequização das crianças índias. Em seguida, pelo trabalho para as igrejas que se incumbiam de recolher as crianças abandonadas nas portas das casas ou nas “rodas dos expostos” das Santas Casas de Misericórdias.

Entende-se que a igreja dava abrigo e condições para que as crianças deixadas nestas entidades de Santas Casas de Misericórdia aprendessem um ofício, e mais tarde seriam devolvidas para a sociedade para trabalhar como pessoas que representavam mão de obra barata.

Pode-se perceber que o segmento de atendimento a infância era sempre em prol de garantir o interesse de outros e não o de garantir, favorecer e promover a autonomia para a criança.

Pinto (apud CARVALHO, 2003) evidencia que nos séculos XIII e XIX aqui no Brasil, aproximadamente cinqüenta mil crianças foram abandonadas nas rodas dos expostos das Santas Casas de Misericórdia, localizadas em Salvador e no Rio de Janeiro.

Compreende-se que neste transcorrer da historia das creches a concepção de prevenção e guarda das crianças era instrumento de avaliação para as famílias que necessitavam de atendimento, pois o seu papel social era o de parceria

junto às famílias, no cuidado das crianças deixados aos cuidados da instituição, e assim as famílias temiam que a creche pudesse ocupar o lugar da família.

A mesma autora ressalta que as creches surgiam assim embutidas de um importante papel social na medida em que, co - responsabilizando-se junto à família pelo cuidado da criança, assim as creches transformam-se em uma alternativa de assistência, marcada durante as primeiras décadas.

Nota-se que a consolidação das creches no Brasil aconteceu pela crescente urbanização e demanda da produção das indústrias, estimuladas pela urbanização e demanda da produção da força de trabalho.

Oliveira (2002, p.91) afirma que;

A história da educação infantil em nosso país tem de certa forma, acompanhado a história desta no mundo, havendo, é claro, características que lhe são próprias. Até meados do século XIX, o atendimento de crianças pequenas longe da mãe em instituições como creches praticamente não existia no Brasil. No meio rural, onde residia a maior parte da população naquela época, famílias de fazendeiros assumiam o cuidado das inúmeras crianças órfãs ou abandonadas, geralmente frutos da exploração sexual da mulher negra e índia pelo senhor branco. Já na zona urbana, bebês abandonados pelas mães, por vezes filhos ilegítimos de moças pertencentes a famílias com prestígio social, eram recolhidos nas "rodas dos expostos" existentes em algumas cidades desde o início do século XVIII.

É correto, entretanto afirmar que, na segunda metade do século XIX esta situação modificou-se, com o período de abolição da escravatura no país, acentuado pela migração para a zona urbana das grandes cidades dá se o desenvolvimento cultural tecnológico e com a Proclamação da República.

No período que se segue após 1888, surgem problemas ainda maiores de abandono à criança, ocorrido principalmente aos filhos dos escravos que já não iriam mais assumir as mesmas condições que seus pais. Buscam-se novas soluções para resolver o problema da infância criando-se lugares para abrigar a estas crianças, "Creche, asilos e internatos", foram os termos usados para definir a instituição de guarda e cuidados para com as crianças.

Entende-se: que a história da creche esteve freqüentemente ligada à manipulação da criança e, a substituição da família, caracterizando-se por um trabalho assistencial - custodial, cuja preocupação e prática centravam-se no cuidar da alimentação, higiene, segurança física e educação ao corpo da criança.

Oliveira (2002) aponta que ao final do século XIX os conceitos educacionais relacionados à educação começam a serem apresentados de maneiras diferentes, pelos movimentos das escolas novas, elaborados nos centros de transformação sócias, oriundos da Europa e trazido para o Brasil por influência americana e européia.

Pode-se dizer que o jardim da infância um desses “produtos” estrangeiros foi aceito aqui no Brasil em partes, causando polemicas e dividindo opiniões, pois para uma parte da sociedade, “os jardins da infância” eram ainda destinados a guarda e cuidados para com a criança, já outros entendiam e viam nos “jardins da infância” um suporte para o desenvolvimento da criança e ainda sendo um privilegio das classes mais favorecidas.

É sobre esta ótica que a historia continua nos apontando as lutas e movimentos desta teia ao redor das creches. Neste sentido, não se pode esquecer que tudo se passa pelo fato das mudanças nos padrões da sociedade e em diversos grupos sociais e principalmente a ocupação da mulher no mercado de trabalho e na sociedade.

Oliveira (2002, p59) apresenta os pioneiros da Educação infantil desde o período do Renascimento, a qual apontou novas divisões de como a criança deveria ser “educada”. Para os autores como Erasmo (1465 – 1530) e Montaigne (1483 – 1553) “sustentavam que a educação deveria respeitar a natureza infantil, estimular à atividade da criança e associar o jogo a aprendizagem”.

A mesma autora aponta que o processo de desenvolvimento da sociedade percebe-se a urgência em formar nossos modelos da educação para a criança. Entretanto essas novas idéias apareceram já no período da idade média, enquanto tem inicio a novas reflexões com o aparecimento da questão pedagógica para a “era moderna”. A discussão sobre a escolaridade educativa vem carregada de idéias e uma delas é a importância da educação para o desenvolvimento social.

Oliveira (2002) destaca que esse clima influenciou e muito o trabalho dos pioneiros da “educação infantil”, que buscava novas formas de promover a questão de “como ensinar”, percalços estes, muito discutidos na época pelo fato dos adultos terem apenas preocupação em disciplinar a criança, empregando o uso de punições físicas, praticas estas muito freqüente dentro do contexto da história.

A partir de uma nova visão de como “ensinar” é que a educação infantil constituiu o enfoque de autores como Comênio, Rousseau, Pestalozzi, Decroly, Froebel, Montessori, entre outros, os quais são considerados, segundo Oliveira (2002)

como pioneiro da educação infantil, pois estabeleciam as bases para um sistema de ensino centrado na criança.

As propostas apresentadas por eles tinham aspectos divergentes entre si, porém eram voltadas a cerca das condições precárias em que as crianças órfãs de guerra e oriundas das classes sociais menos favorecidas viviam e reconheciam que a criança tinha necessidades próprias, diferenciando-se assim do adulto.

Segundo Oliveira (2002)

Para COMÊNIO (1592 – 1670), educador e bispo protestante checo, defendia que a boa “arte de ensinar” precedia o cultivo dos sentidos e da imaginação no desenvolvimento da criança.

Para o filósofo ROSSEAU (1712 – 1778) a educação da criança não era vista como uma vida de acesso projetando-se apenas como a preparação da criança para um adulto de amanhã propunha uma educação que priorizava a liberdade e o rumo da natureza.

O autor PESTALOZZI (1746 – 1827) acreditava que a educação da criança estava na bondade e no amor, a educação deveria ocorrer no ambiente natural, mas deveria ser metodicamente ordenada, a criança seria educada pela intuição e o ensino, deveria priorizar as coisas, não palavras.

Decroly (1871 – 1952), médico belga, dedicado ao trabalho com as crianças excepcionais preocupava-se ele com o domínio dos conteúdos, defendia um ensino voltado para o intelecto, e propunha que as crianças tivessem contato com o concreto.

Montessori (1879 – 1952), médica psiquiatra divergia da opinião de Rousseau que defendia a auto-educação, sua teoria era baseada no pressuposto de que a criança no seu desenvolvimento infantil necessitava de ambientes e materiais adequados para sua formação.

Froebel (1772 – 1852) educador alemão no quadro das novas influências teóricas e ideológicas de seu tempo. Criou em 1837 um kindergarten (“Jardim de infância”), local este destinado a crianças e adolescentes. Os “jardins de infância” eram muito diferentes das casas assistenciais existentes para as crianças na época.

FREINET (1896 – 1966), sua pedagogia defendia uma organização ao redor de uma série de técnicas e atividades.

Dentro do fato histórico da educação infantil marcada pelos movimentos de período em período, Santana (1998) posiciona que na década de 20 aconteceram movimentos operários por melhor salário e melhor condição adequada de trabalho aparece então a criança de creches entre outras reivindicações. As creches construídas foram de iniciativas das empresas para abrigar filhas de funcionarias. A ocorrência de outras creches, fora das indústrias era ligada a entidades religiosas que recebia ajuda do governo e das famílias.

Na década de 30 intensificaram-se as manifestações e o governo Getúlio Vargas e a título de conter tal clima de tensão concebe aos trabalhadores alguns incentivos, e a creche está mais uma vez ocupando espaço dentro deste movimento.

Na década de 50, no período pós-guerra surge à criança como portadora de direitos. “Tal destaque aparece expresso na Declaração Universal dos Direitos da criança, promulgada pela ONU, em 1959.

De acordo com Oliveira (1992) pode-se afirmar que no período de 1930 a 1960, surgem manifestações em defesa das creches.

Entretanto é fato relatar que as lutas pelos direitos da criança não se estagnaram no tempo e muito menos perderam força. Sua expansão foi influenciada cada vez mais pelas teorias que apontavam para o desenvolvimento da criança.

Segundo Oliveira (1995, p. 20);

No período dos Governos militares pós 1964, as políticas sociais dotadas a nível federal, através de órgãos então criados como a LBA, FUNABEM e a nível estadual continuaram a acentuar da creche como equipamento de assistência à criança carente, como um favor prestado a criança e a família. Intensificaram-se ainda mais a ajuda governamental as entidades filantrópicas. Muitas destas, gradativamente, passaram a esboçar uma orientação mais técnica ao seu trabalho, incluindo preocupações com seus aspectos de educação formal das crianças nas creches.

A mesma autora afirma que um dos elementos que influiu muito para tais fatos de técnicas adotados, foi a teoria “privação cultural”, adotado no exterior e aqui no Brasil, entendendo-se que as classes sociais em diferentes camadas podiam gerar problemas e em razão disso elaboraram propostas de trabalhos direcionadas as creches.

A história da educação infantil e das creches percorreu uma grande trajetória no mundo, sempre seguindo de lutas e reivindicações, marcando épocas muito significativas, fatos estes que no Brasil também foram significativos.

Rosemberg (1989) destaca que a década de 70 ficou marcada pelo movimento feminista, e da igreja católica junto às comunidades pobres e periféricas, destacando-se então a grande participação das mulheres em organizações e movimentos.

Segundo Gohn (apud SANCHES, 2003, p.69)

O primeiro grande movimento articulador de mulheres: ele abriu espaço para novas formas de luta, sendo a creche a mais significativa e abrangente.

O incipiente e desorganizado movimento popular por creches, já existente em São Paulo, foi apropriado pelo movimento feminista enquanto bandeira de luta, após a anistia. Isto possibilitou a unificação das lutas isoladas por creches e criação unificadora das lutas por creches em São Paulo.

Pode-se perceber que neste momento a população assume uma postura diferente em relação à creche, pois segundo Carvalho (2003, p. 64), “pois ao abandonar a postura de aceitação do paternalismo estatal ou empresarial passou a ser reivindicada como direito do cidadão trabalhador, sendo defendido por diversos setores da sociedade”

Compreende-se então que a partir deste ponto disseminou-se uma preocupação maior com a educação infantil no Brasil.

A mesma autora (2003, p 64) afirma que “são inegáveis as conquistas dos movimentos de luta por creches, tanto em relação à oferta deste equipamento, quanto à mobilização e organização das classes populares”.

O governo então preocupado em conter as movimentações políticas passou a dar uma ajuda governamental às entidades assistenciais como incentivo a um programa emergencial.

Oliveira (2002, p.102), relata os fatos que marcaram esse período com a aprovação de algumas leis.

É aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil em 1961 (Lei 4024/61) aprofundou a perspectiva apontada desde a criação dos jardins-de-infância: sua inclusão assim dispunha essa lei.

Art.23 – “A educação pré-primária destina-se aos menores de até sete anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância.

Art.-24 “As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com poderes públicos instituições de educação pré-primária.”

Todo esse quadro social refletia o dinamismo do contexto sociopolítico e econômico do início da década de 60, que seria alterado pelos governos militares instaurados no país a partir de 1964, com reflexos sobre a educação em geral das crianças pequenas em particular.

A mesma autora destaca que uma nova legislação sobre o ensino é formulada em 1971 com a Lei 5692/71, a qual trouxe novidades à área do dispor que os sistemas velarão para que as crianças de idade inferior a sete anos recebam educação em escolas maternas, jardins-de-infância ou instituições equivalentes.

Carvalho (2003, p.64) apresenta então a constituição de 1988 que,

Confirma a creche como instituição educativa, um direito da criança, uma opção da família e um dever do Estado (artigo 208, inciso IV) confirmado pela LDB 1996 (artigo 30 / I / II). A educação Infantil será oferecida em: I creches, ou entidades equivalentes para crianças até três anos de idade. II pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade, o que representa uma ruptura com todo um passado marcado pelo assistencialismo.

Na década de 90, apresenta novas conquistas seguindo os passos dos posicionamentos relevantes da história.

Oliveira (2002, p.117) aponta que,

Promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, que concretizou as conquistas dos direitos das crianças promulgadas pela Constituição. Neste período, a coordenadoria da Educação Infantil (Cede) do MEC desenvolveu, por meio da promoção de encontros, pesquisas e publicações, importante papel de articulação de uma política nacional que garantisse os direitos da população de até seis anos a uma educação de qualidade em creches e pré-escolas. Esses fatos prepararam o ambiente para aprovação da nova LDB, Lei 9394/96, que estabelece a Educação Infantil como etapa inicial da educação básica, conquista histórica que tira as crianças pequenas pobres do seu confinamento em instituições vinculadas a órgãos de assistência social.

Oliveira (2002) aponta que muitas mudanças no âmbito da creche, sendo que hoje em dias as creches já perderam o elemento figurativo de assistencialista para educacional.

Entretanto, é correto afirmar que: as creches oferecem um ganho muito grande para a sociedade, marcada por décadas de lutas e conquistas, suscitando questionamentos e contraposições à idéia de dicotomização entre o cuidar por cuidar e o cuidar para educar em um aspecto e, qual patamar a creche se encontra hoje no “assistencial” ou “educacional”.

Kuhlmann Junior (apud MAISTRO, 1997, p.69) destaca

(...) aquilo que as creches e pré-escolas destinadas às classes populares ainda carregam nos dias de hoje não é inexistência de uma proposta educativa, mas é esta concepção educacional preconceituosa que esta impregnada por todas as suas dobras, concepções que sustenta não apenas no interior das instituições, mas na própria estrutura social desigualitária.

Compreende que é por fim, desenvolver uma perspectiva de parceria entre políticas da educação e as políticas de saúde e de assistência social, para que o caráter educativo das creches e pré-escolas seja consolidado efetivamente.

Oliveira (2002). A própria política de educação infantil, proposta pelo MEC, tem como meta o atendimento aos direitos fundamentais da criança e da família, propondo diretrizes básicas que parte do princípio que as particularidades das etapas do desenvolvimento entre 0 e 6 anos exigindo que a educação infantil cumpra duas funções cuidar e educar completando os cuidados e a educação realizados na família ou no círculo da família.

Compreende-se então que a criança necessita de condições e estímulos durante a sua formação, ao frequentar a Educação Infantil, de maneira a ser tratada dentro da concepção de ser cuidada para educar pedagógico.

CAPÍTULO IV

PROCESSOS INVESTIGATIVOS

Para investigar a postura do professor sobre a sua concepção do brincar na creche, usou-se de uma pesquisa de campo.

A pesquisa de campo segundo Gil, (2002) possibilita a análise estatística dos dados, sobretudo quando se valem de questionário.

Os questionários segundo Fachin (2002, p.146),

Consiste num elenco de questões que são apreciadas e submetidas a certo número de pessoas com o intuito de obter respostas para a coleta de informações sendo que a informação coletada pelo estudioso limita-se tão somente a respostas escritas e preenchidas pelo próprio pesquisado.

É um instrumento de pesquisa muito popular, utilizado para diversos fins. Segundo o dicionário de sociologia, de Theodorson & Theodorson, questionário é “um modelo de documento em que há uma série de questões, cujas respostas devem ser preenchidas pessoalmente pelos informantes” Fachin (2002, p. 146).

Ressalta que na utilização dos questionários são utilizadas questões abertas e como afirma Gil (2002) este tipo de instrumento não força o respondente a um direcionamento para a resposta enquadrada em alguma alternativa anteriormente preestabelecida pelo pesquisador, apresentando-se assim como uma vantagem sobre outros métodos.

Compreende-se, porém que neste tipo de pesquisa segundo Gil (2002, p.133) “os procedimentos de análise costumam ser predominantemente qualitativo”.

Sob esta ótica foi analisada uma qualitativa, onde se pode evidenciar dados e catalogá-los de forma qualitativa, pautando-se em comparações, relações e discussões destes dados a fim de evidenciar resultados.

Para obterem-se informações a respeito de qual a importância do brincar atribuído à creche para os professores que atuam nas unidades de educação infantil do município de Campo Limpo Paulista, utilizou-se questionário aberto, composto por sete questões investigativas abordando o assunto.

4.1 - PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

O primeiro procedimento tomado para investigar a postura do professor frente ao trabalho com o brincar na educação infantil foi o pedido da carta de autorização à secretaria da FACCAMP.

Após a autorização fizemos contato com as respectivas diretoras das unidades de Educação Infantil para a apresentação da pesquisa de coleta de dados, explicação do tema e os objetivos s respeito da pesquisa, assim como, o convite para os professores em responder aos questionários, que foram entregues as diretoras para serem distribuídos ao seu corpo docente, usando seu próprio critério de escolha dos participantes.

Tendo em vista que fomos prontamente atendidas, voltaremos num segundo momento para recolhê-los num prazo de quinze dias.

4.2 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

RESPOSTAS DO PRIMEIRO PROFESSOR

1 - Penso que o brincar é uma linguagem infantil que ocorre na imaginação entre símbolo e realidade.

2 - Sim, a maioria dos projetos é envolvida em brincadeiras.

3 - sim

4 - A minha escola vê o brincar como atividade fundamental par a o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

5 - As brincadeiras fazem parte da rotina diária das crianças.

6 - O professor deve ter consciência que seus alunos não brinquem por brincar exceto nas brincadeiras livres.

7 - Eu participo e observo

8 - É importante porque a brincadeira favorece a auto-estima auxiliando na superação de suas aquisições de forma criativa.

9 - Sim. O lado positivo do estímulo é que por meio de brincadeiras o professor pode observar o processo de desenvolvimento das crianças em grupo ou individual, registrando sua capacidade de linguagem, como suas capacidades sociais, afetivas e emocionais que dispõem.

O lado negativo do estímulo, os professores estão sempre correndo para aplicar conteúdos, não deixando espaço para brincadeiras e quando ocorre são brincadeiras que não tem nenhum objetivo, ou seja, brincar por brincar.

Em relação aos dados coletados através do questionário com os professores vimos que a maioria sabe da importância do brincar para seus alunos e consta na rotina diária grande variedade de brincadeira que são utilizadas como instrumento para auxiliar a aprendizagem como matemática linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e artes. Essas brincadeiras são feitas com jogos percurso, amarelinha, corrida dominó, blocos lógicos, faz-de-conta, fantoches, teatros, cantigas de roda, pega-pega entre outras.

Notamos que o envolvimento do professor com as crianças e a preocupação que existe para que seus alunos desenvolvam suas capacidades sociais, afetivas, emocionais e habilidades de coordenação motora.

RESPOSTAS DO SEGUNDO PROFESSOR

1 - brincar na educação infantil é “tudo” é a base para boa educação, jogos, brincadeiras tudo isso ajuda o desenvolvimento físico e intelectual da criança, com o lúdico fica mais fácil aprender e também mais divertido.

2 - “Utilizo” várias brincadeiras e jogos, como: memória, jogo da velha, dama, ludo,

Amarelinha entre outras, em todas as brincadeiras acrescento o conteúdo a ser Ministrado.

3 - Sim, conforme expliquei na primeira questão, a brincadeira ajuda na socialização das crianças, a timidez de lado rapidinho.

4 - Temos duas aulas por semana, direcionada ao brincar e as aulas de educação física.

5 - Brincadeiras no parque, na sala e também disponibiliza vários jogos para utilizarmos sem sala de aula.

6 – Claro brincadeira sem objetivo dificilmente será bem aproveitada, tem que ter objetivo e interferência quando necessário.

7 - Eu participo, brinco junto, mesmo quando a brincadeira é livre eu jamais deixo de participar.

8 - Já está respondida nas anteriores.

9 - A brincadeira é importante sim. Desenvolve a criança o raciocínio lógico, a socialização, estímulo o aprender e facilita a aprendizagem.

Eu só vejo pontos positivos.

Os negativos são quando um professor não tem objetivo com o brincar, quando larga a sala e aproveita a aula de brincar para realizar atividades próprias (preencher diários, conversar com a colega de trabalho, arrumar a sala...). Aí sim é muito ruim.

RESPOSTAS DO TERCEIRO PROFESSOR

1 - O brincar na educação infantil é essencial para o desenvolvimento completo da criança.

2 - Procura incluir brincadeiras nos projetos pedagógicos, pois assim as crianças conseguem assimilar e acomodar melhor os conteúdos.

3 - É muito importante o brincar para o desenvolvimento pessoal, social das crianças. Toda criança tem o direito de brincar, e incluindo-o em nossa rotina, elas podem vivenciar novas experiências de forma prazerosa e divertida.

4 - A escola entende a necessidade do brincar para a formação global da criança, incluindo o brincar em nossas rotinas e planejamentos.

5 - O brincar é incluído para ajudar a desenvolver a coordenação motora global, fina, percepção, socialização e afetividade.

6 - Na maioria das vezes tem um objetivo, mas também o brincar livre é incluído na minha rotina, pois acredito que a criança precisa ter os momentos para usar sua criatividade.

7 - Depende da proposta aplicada, mas na maioria das vezes até pela faixa etária das crianças é necessária a participação do educador.

8 - A criança que utiliza o lúdico tem um ensino aprendizagem, mais positivo, pois elas aprendem se divertindo e com vontade.

9 - Os estímulos motores através do brincar são tão importantes sim, para o desenvolvimento completo, tanto afetivo como cognitivo.

O positivo aprende de forma lúdica, divertida e prazerosa.

O negativo, não consigo pensar em lado negativo, mas quando a criança sai da educação infantil e vai para o ensino fundamental o brincar é deixado em segundo plano, o que pode fazer falta para elas.

RESPOSTAS DO QUARTO PROFESSOR

1 - Para mim é importante o brincar na educação infantil, ajuda a criança interagir com as outras, elas acabam perdendo a timidez.

2 - Dependendo do projeto sim. Procuro diversificar para não ficar repetitivo.

3 - É importante sim a brincadeira no desenvolvimento da criança. A criança que tem uma infância feliz tem um desenvolvimento melhor.

4 - Todos acham muito bom.

5 - A brincadeira na minha rotina é diversificada, brinco um dia na sala de aula e às vezes no parque.

6 - Em minha opinião, tudo o que fazemos tem um objetivo e na brincadeira não é diferente. A brincadeira ajuda e muito a criança em seu desenvolvimento.

7 - Na minha sala eu participo com as crianças em algumas brincadeiras e gosto muito de observar.

Para elas é importante a presença de um adulto na brincadeira e mesmo porque eles acham engraçado ver adulto brincando.

8 - A importância do brincar no processo ensino aprendizagem é importante porque a criança pode aprender brincando. Talvez aprenda até mais e perde um pouco só o professor fala e age. Eles por serem pequenos não ficam quietos por muito tempo fazendo atividades.

9 - A brincadeira como já disse ajuda e muito a criança. Ajuda em todos os sentidos, no desenvolvimento, na afetividade e também no vocabulário. Só depende do professor para que as brincadeiras sejam atrativas e legais.

Afinal a brincadeira faz bem até para nós adultos.

4.3 - OBSERVAÇÕES PERENTE AOS ALUNOS

Durante o período de observação aos alunos, notamos que são muito curiosos e interessados em aprender coisas diferentes. Quando entramos na sala e dissemos que iríamos ficar ali com eles, todos queriam saber o porquê e o que iríamos fazer.

Seguindo a rotina da professora, em roda de conversa expliquei a eles o porquê eu estava ali com eles, mostrei as atividades que iríamos realizar e colocando também as regras que teriam de ser cumpridas.

A realização das brincadeiras foi muito produtiva, pois todos participaram e queriam sempre mais. Todas as vezes que chegava à sala ficavam felizes, pois já sabiam que iam brincar.

Os alunos são participativos e gostaram das atividades propostas, principalmente quando eram atividades com brincadeiras. Isto ocorre porque as crianças ficam a maior parte do dia na unidade escolar, não tendo tempo de brincar em casa, pois como os pais trabalham, os deixam pela manhã na escola e só voltam à tarde, não tem tempo para brincar com seus filhos, deixando esta responsabilidade também para o professor, que é cuidar educar e brincar.

Entre as brincadeiras que realizamos, destacou um teatro apresentado com alunos do módulo jardim I, com a música rosa juvenil, os outros alunos da unidade assistiram a apresentação que foi um sucesso. Os alunos que apresentaram se sentiram importantes e queriam brincar mais. Brincamos também de cantigas de roda relembrando a nossa infância e que as professoras sempre cantam com eles.

Nesse período que estivemos em sala de aula, observando e brincando com as crianças, percebemos a grande necessidade que as crianças de hoje tem, como, carência tanto de atenção por parte dos pais, como também de um espaço onde possa ser só seu. Vindo para a escola desde muito pequenos, não tem oportunidade de ficar com seus pais ou irmãos, o que muitas vezes deixa a criança irritada e triste.

Muitas dessas crianças às vezes nem vê a mãe, outras pessoas como vizinhas ou irmãos mais velhos é que vai buscá-las na escola, e quando a mãe chega do trabalho já está dormindo. Essas crianças são normalmente distraídas, não participam muito das atividades, tem dificuldades de aprendizagem, e em alguns casos não se alimentam bem, necessitando chamar a mãe para orientação e ajuda.

Nas brincadeiras onde oferecemos os brinquedos, interagem bem uns com os outros, mas quando se trata do seu próprio brinquedo, alguns brigam não querem emprestar o seu brinquedo para o colega ou escolhem para quem emprestar.

Observamos também alunos com dificuldades motoras, não conseguem correr, arremessar a bola, pular e até mesmo para comer sozinhos.

Em observação aos professores notamos que tanto os professores quanto direção e coordenação têm consciência da necessidade de implantar um projeto brincar nas unidades tanto nas particulares como nas municipais.

Algumas professoras são participativas, brincam com as crianças, sentam no chão, jogam bola, pulam corda e até no escorregador vão. Usam muito o lúdico em suas aulas.

Mas infelizmente, existem aquelas que levam a criança no parque ou oferecem brinquedos; para descansar não participam nem observam, não brincam com seus alunos, entendem que ser professor é para dar conteúdos mimeografados.

4.4 - OBSERVAÇÕES PERENTE AOS PROFESSORES

Observando o trabalho realizado em sala de aula pelos professores, vimos que tanto a direção quanto a coordenação e alguns professores tem consciência da necessidade de implantar um projeto brincar nas unidades. As professoras são participativas brincam com seus alunos, sentam no chão, jogam bola, pula corda e até

mesmo no escorregador elas vão. Usam muito o lúdico em suas aulas, trabalham bastante com teatro e fantoches.

Dentro do seu planejamento seus objetivos gerais, são que as crianças devem desenvolver as seguintes capacidades:

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações.
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar.
- Estabelecer vínculos afetivos e de troca entre os adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social.
- Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos articular seus interesses e ponto de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração.
- observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuem para sua conservação.
- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades.
- Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções.
- Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.

Mas infelizmente existem outras que não querem saber de brincar junto aos alunos, entendem que ser professores é para passar conteúdos em papéis mimeografados. Na hora da brincadeira deixam as crianças a vontade, não participam nem observam, dão o brinquedo e sentam para fazer outras atividades, olham apenas para saber se não vão se machucar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de tantos dias observando alunos e professores, tendo a oportunidade de conviver com pessoas ligadas ao setor educacional, podemos dizer que já existe nas escolas do município de Campo Limpo Paulista uma preocupação com a necessidade do brincar na infância. Todas as unidades que freqüentamos, observamos que em suas rotinas existem um horário reservado às brincadeiras.

Diante da coleta de dados feitos com os questionários respondidos pelos educadores, também se percebe que têm o hábito de brincar com seus alunos, tendo algumas exceções, mas a maioria gosta de brincar e sabem da necessidade do movimento para o desenvolvimento dos mesmos, e tendo como objetivos dentro do contexto brincar o seguinte:

- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades.
- Utilizar as diferentes linguagens como: corporal, musical, plástica e escrita.
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidados com a saúde e bem-estar.

Assim podemos dizer que existe nessas instituições de educação infantil um trabalho voltado ao desenvolvimento infantil saudável. É certo que ainda necessita de uma capacitação para alguns professores a terem uma visão referente ao brincar embutido nos conteúdos.

Pode-se dizer que o brincar inclui movimentos e percepções das crianças em atividades voluntárias e conscientes, desta forma elas podem expressar pensamentos, vivenciar situações diferentes, transformar-se em outras pessoas conduzidas pelo imaginário.

Por meio das brincadeiras os professores podem observar e construir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em

particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem.

O brincar no sentido de fazer alguma coisa com objetos ou com outras crianças e de criar fantasias é vital para a aprendizagem das crianças na escola.

Todo educador deve valorizar o brincar na infância, pois é a partir das brincadeiras que a criança aprende a socializar com seus colegas e desenvolve sua criatividade, como nas brincadeiras de faz-de-conta, onde a criança cria momentos mágicos, é quando a criança constrói sua identidade e descobre sua vocação.

O brincar desenvolve na criança a motricidade, o cognitivo e socialização. As crianças se tornam criativas e espontâneas quando o educador prepara brincadeiras e orienta-as no sentido de ajudá-las, principalmente as crianças mais tímidas devem ser envolvidas nas brincadeiras para que possam superar a timidez. Brincar é tão importante quanto à alfabetização.

As crianças têm necessidade de estímulos para seu desenvolvimento cognitivo e motor, para suprir essas necessidades é preciso à adequação de brincadeiras de acordo com a faixa etária. Para cada etapa da vida da criança é necessária uma determinada atividade para estimular seu desenvolvimento.

Consideramos que o brincar está presente em todas as dimensões da existência do ser humano e, muito especialmente na vida da criança, é uma necessidade básica, assim como a alimentação, a saúde e educação, por meio da brincadeira os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e também de maneira individualizada, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e recursos afetivos e emocionais que dispõem.

A brincadeira na educação infantil é tão importante para a criança como o trabalho para o adulto.

“Você pode descobrir mais sobre uma pessoa em uma hora d brincadeira do que em um ano de conversa”

PLATÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMSTRONG, Thomas; **Entrevista**. IN: Revista Pátio – Educação Infantil. São Paulo. Ed. Artmed, novembro, 2008
- BRASIL, Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. _ Brasília: MEC/SEF, 1998 (v.2)
- BRASIL, Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. _ Brasília: MEC/SEF. 1998 (v.3)
- CARVALHO, Eronilda Maria Góis de; Educação Infantil: **percursos, percalços, dilemas e perspectivas**. Ilhéus, BA: Editus, 2003.
- CARNEIRO, M. A. B. **Brinquedos e brincadeiras: formando ludo educador**. São Paulo: Articulação Universidade / Escola Ltda., 2003.
- FACHIN, Odília; **Fundamentos de metodologia**. 3ª Ed São Paulo Saraiva, 2002.
- FERRARI, M. **O Pai da Didática Moderna**. IN: Nova escola. São Paulo: Ed. Abril, março, 2004.
- FERRARI, Márcio; **O Educador das Crianças Pequenas**. IN: Nova Escola. São Paulo: Ed. Abril, março, 2006.
- GIL, Antônio Carlos; **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo Atlas, 2002.
- HADDAD, Lenira; **A creche em busca de identidade perspectivas e conflitos na construção de um projeto educativo**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- MORETTO, R.A; Educação da criança. São Paulo: Elevação, 2002.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes; **Creches Crianças Faz de Conta & Cia**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

OLIVIERA, Zilma Ramos de; **Educação Infantil: fundamentos e métodos** – São Paulo: Cortez, 2002.

PÁTIO, Educação Infantil.

PIAGET, Jean; **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro. Zahar. 1971.

SANTANA, Judith Sena da Silva; **A creche sob a ótica da criança**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ROSEMBERG, Fúlvia; **Coleção temas em destaque. Creche**, São Paulo. Ed – Cortez, 1989.

ROSEMBERG, Fúlvia; **A educação pré-escolar brasileira durante os governos militares. Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: nº 82, p. 21 – 30,1992.

SANTA, M. P. dos Santos, ET AL. **Brinquedoteca: Sucata Vira Brinquedo**. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

SARTI, Hilda L. C; **O brincar na prática pedagógica e no referencial curricular para a Educação Infantil**: um estudo de caso. 2001. Dissertação de Mestrado: PUCSP.

SOLÉ, M. Borja de; **O jogo Infantil**: Organização das Ludotecas. Lisboa: Ed. Instituto de Apoio à Criança, 1002.

VIEIRA, Lívia Maria F; **Creches no Brasil: de mal necessário a lugar de compensar carências, rumo à construção de um projeto educativo**. 1986. Dissertação de mestrado – UFMG, Belo Horizonte.

